

Imaginação contra a inércia

Se depender de iniciativas da sociedade civil, Brasília tem tudo para se afirmar no terceiro milênio como pólo cultural. Desde meados da década de 90 vêm se intensificando iniciativas fora da área governamental, de artistas e mesmo de cidadãos comuns, no sentido de contribuir para essa consolidação. A reabertura do Clube do Choro, o projeto Zona Z, na área de dança, e o Cinema Voador provam que com imaginação, força de vontade e algum apoio, pode-se ir longe.

Em 1995, José Damata, programador de cinema da cidade, resolveu pôr um fim ao perfil elitista das salas de exibição e levar a luz do cinema aonde o povo está, nas praças das cidades do Distrito Federal e Entorno. Com esse fim, ele criou o Cinema Voador. Um caminhão, com uma tela e todo equipamento de áudiovisual necessário a uma projeção, vai aos arredores de Brasília levando uma programação de filmes de alto nível. "Eu não queria me sentir condenado a fazer programações só para as elites", lembra Damata.

Com a ajuda de técnicos, ele montou a estrutura do Cinema Voador, que há quatro anos divulga a sétima arte no DF e Entorno, já tendo mostrado filmes a um público de cerca de quinhentas mil pessoas. Damata se inspirou diretamente na experiência do diretor mineiro Humberto Mauro, que na década de 30 exibia os copiões de suas produções ao ar livre, na cidade de Cataguazes.

"Temos que ocupar as ruas e periferias. Praça não é só pra namorar e pra culto evangélico. O povo gosta de cultura mas não tem. Só oferecem Gugu e Ratinho. Por isso precisamos levar cultura para as ruas", afirma o programador. Na opinião de José Damata são ações que representam verdadeiras batalhas, como a sua, o Cine Memória, de Vladimir Carvalho, o Clube do Choro e o Boi do Seu Teodoro que levam um pouco de arte à população.

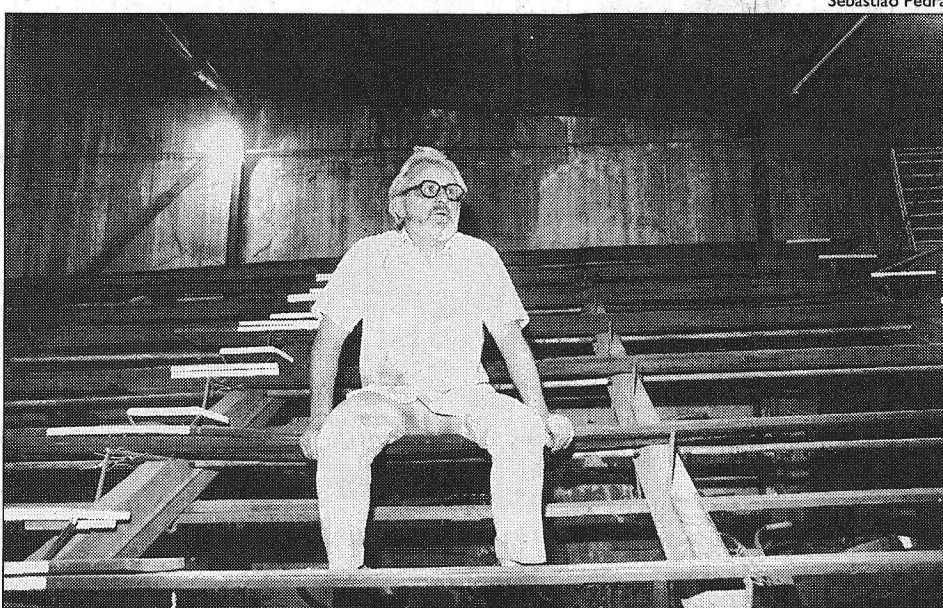
Luiz Amorim, dono do açougue T-Bone, na 312 Norte, resolveu apostar na cultura como uma retribuição pelo que ela lhe proporcionou. Luiz Amorim alfabetizou-se aos 17 anos. Tempos depois, começou a ler os clássicos da literatura e filosofia. Funcionário durante 15 anos da T-Bone, em 95 ele virou dono do estabelecimento.

A partir desse momento, decidiu montar um espaço cultural no local. "É um agradecimento pela cultura ter me dado outra dimensão do mundo", afirma o comerciante. Na T-Bone vendem-se CDs de artistas brasileiros e existe uma biblioteca com mais de mil títulos, onde acontecem ainda lançamentos de livros. Para participar da biblioteca nem é preciso se inscrever. Basta preencher uma ficha e o prazo de devolução da obra fica por conta da pessoa. "É uma biblioteca meio anarquista", brinca.

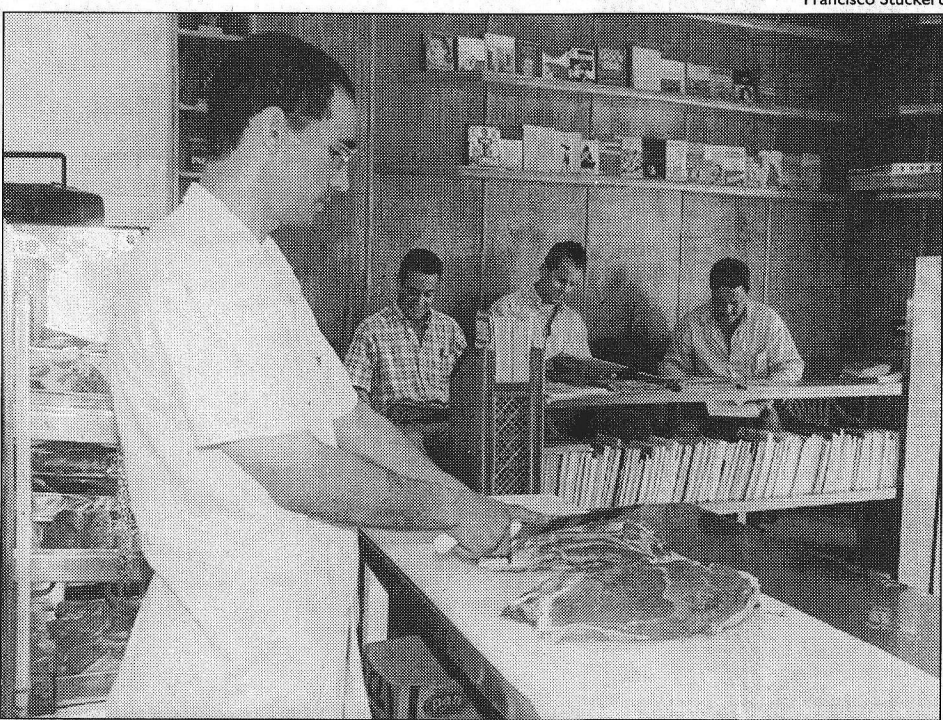
Com a inclusão de um espaço cultural em um açougue, Luiz Amorim quis romper o estigma de que arte é peça de museu e se restringe à aristocracia. "Na Europa são comuns estabelecimentos como o meu. Por que não colocar a cultura na ótica, na padaria?", pergunta. Para o dono da T-Bone, ao abrir suas portas para a cultura ele acha que estimulou outros comerciantes a realizar empreitadas semelhantes.

Como Amorim, o mecânico Perdiz abriu seu meio de sustento para a cultura. Há dez anos ele deixou um parente desempregado morar na Oficina do Perdiz. Um dia, o rapaz, aluno de artes cênicas, montou um espetáculo no local, com colegas

Iniciativas de brasilienses revelam que sempre é possível encontrar uma saída criativa para agitar a cultura



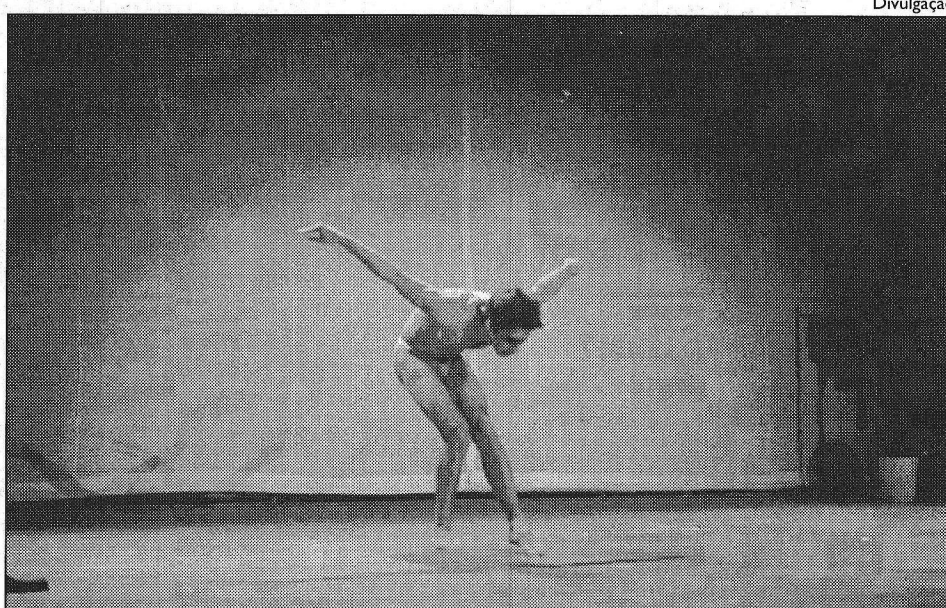
Oficina do Perdiz: do acaso, a oficina mecânica virou espaço teatral



T-Bone: onde convivem livros, discos e carnes



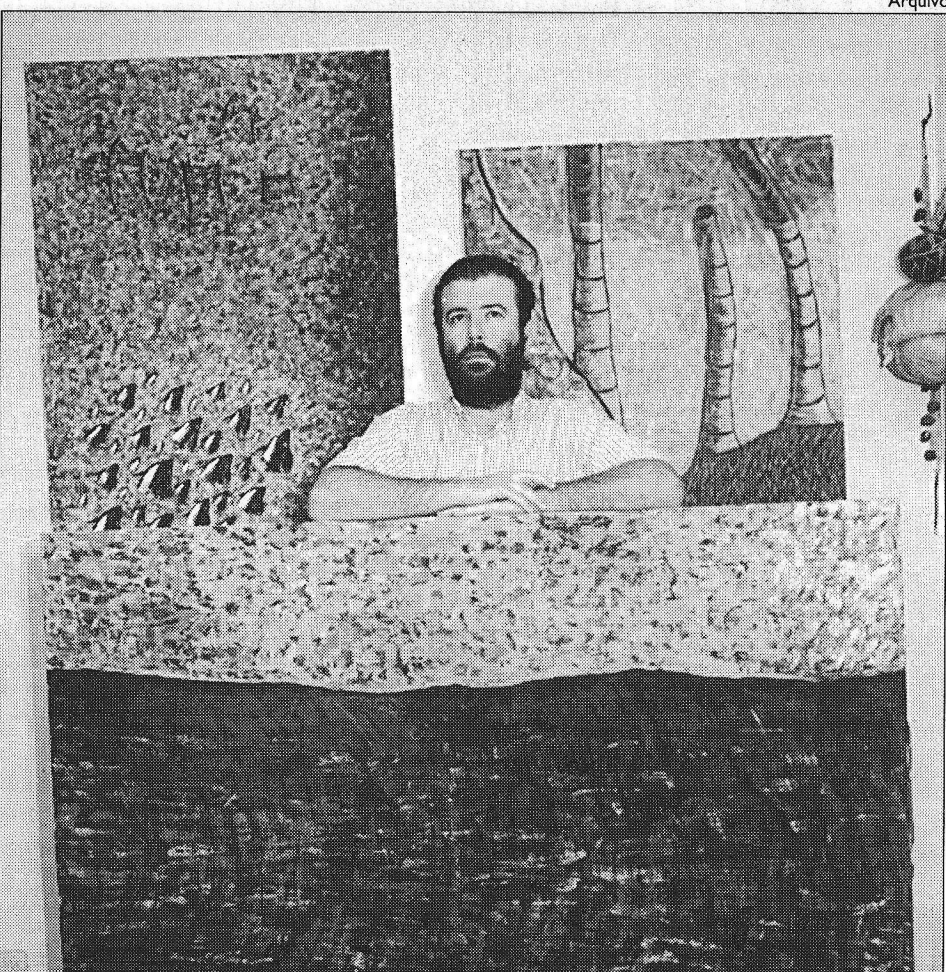
Clube do Choro: vitrine cultural da capital com shows semanais



Através do projeto Zona Z, bailarinos vêm a Brasília para trocar experiências



Cinema Voador: filmes ao ar livre e fim do perfil elitista das salas de cinema



Eduardo Cabral: "Com projetos claros e objetivos a cultura vai pra frente"

da Faculdade Dulcina. O diretor Manguera Diniz assistiu à performance e acabou se estimulando a apresentar algo na Oficina. Em dois anos montou dois espetáculos no lugar. Desde então, a oficina recebeu inúmeras performances de música, teatro e dança. "A presença dos espetáculos trouxe muitos conhecimentos pra mim, minha família e meus funcionários, além de abrir mais um espaço para a arte na cidade", afirma Perdiz.

A experiência do bailarino e coreógrafo Giovane Aguiar surgiu motivada pelas viagens que realizou ao exterior. "Entrei em contato com uma grande quantidade de informações e queria trazer isso para a cidade", informa. Para Giovane, a dança na cidade estava muito restrita às apresentações. "Os artistas vinham, mostravam seus espetáculos e depois partiam", conta.

Giovane queria que dançarinos e coreógrafos compartilhassem experiências e know-how

com profissionais da cidade e criou há quatro anos o projeto Zona Z. Nele, artistas do mundo inteiro visitam Brasília em um período de duas a três semanas. Eles ministram workshops e, ao final da programação, apresentam um espetáculo à comunidade, no Teatro da Caixa.

Esse ano, o Zona Z já tem dois acontecimentos agendados. Em maio, os coreógrafos Angélica Oei, da Holanda, Howard Foneklar, dos Estados Unidos, e Jordi Cortez Molina, da Espanha, promovem um workshop no Espaço Cultural da 508 Sul. Em julho, profissionais de todo o Brasil se reúnem na cidade goiana de Alto Paraíso, no Encontro dos Criadores e Dançarinos.

Para que iniciativas como a sua dêem resultado, Giovane acredita que seja essencial o engajamento: "Se você cria, todos os horizontes se abrem. Os artistas têm que ir às ruas e mostrar seus trabalhos. Não dá pra espe-

rar que o governo faça tudo e nem que ele imagine o que os artistas querem."

Exemplo para a música de todo o país, como reconhecem figuras como Altamiro Carrilho, o Clube do Choro representa uma das vitrines culturais brasileiras. Surgido nos anos 70, o Clube se firmou graças à força de vontade do músico Reco do Bandolim, que reabriu suas portas há dois anos. Desde essa data, o local não para de oferecer ótimos shows de música instrumental, além de ter inaugurado a primeira Escola Brasileira de Choro.

"A escola é uma iniciativa profunda. Os estabelecimentos brasileiros de ensino musical não contemplavam o choro, a base de nossa música", fala Reco. O bandolinista conta que hoje pessoas de todo o Brasil lhe telefonam, procurando saber informações sobre o funcionamento do Clube, pois desejam montar um espaço semelhante em

suas cidades.

Uma organização não governamental, a Fundação Athos Bulcão, criada em 96, se preocupa com a divulgação e promoção da cultura. Seus principais projetos são o Fórum Brasília de Artes Visuais, evento anual de palestras e workshops; o jornal Radcal, veículo para informar os jovens e educá-los como público receptor da arte; e a divulgação da obra do artista que dá nome à Fundação (calendários, catálogos, livros).

Eduardo Cabral, secretário-executivo da Athos Bulcão, vê como importante nas atividades que sua ONG desenvolve a agitação de ações com o governo. Ele acredita que com a lei que o governo federal criou sobre ONGs essas entidades passam a ganhar um papel essencial como fomentadoras de cultura. "O fundamental pra cidade são as pessoas se organizarem e criarem instituições. Com projetos claros e objetivos a cultura vai

pra frente. Há espaço para todos agirem", afirma.

Pensando em colocar Brasília na rota dos festivais internacionais de cinema, o empresário Marco Farani criou o Festival Internacional de Cinema de Brasília, que está acontecendo essa semana nas salas de exibição da Academia de Tênis. "Essa mostra traz filmes inéditos e mostra para o brasileiro filmes da mais recente safra internacional de cinema, com concepções diferentes de se fazer cinema", explica Marco.

Segundo Farani, artistas e empresários devem buscar parcerias com o governo, porém a sociedade não pode abrir mão de ações em favor da cultura. "Os brasileiros precisam achar uma maneira de se organizar e produzir, sabendo também tirar proveito de incentivos como as leis Rouanet e de Audiovisual".